

Um novo Sapiens! – *L'Express*



A
JORNADA
da
HUMANIDADE

*As origens da
riqueza e da desigualdade*

ODED GALOR

A
JORNADA
da
HUMANIDADE

*As origens da
riqueza e da desigualdade*

ODED GALOR

Tradução de Antenor Savoldi Jr.



Copyright do texto © 2022 by Oded Galor
Copyright dos gráficos © 2022 by Oded Galor
Copyright das ilustrações © 2022 by Ally Zhu

TÍTULO ORIGINAL
The Journey of Humanity

COPIDESQUE
João Guilherme Rodrigues
Carolina Leocadio

REVISÃO
Ana Grillo
Bianca Garcia
Clarice Goulart

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
© Luke Bird

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G167j

Galor, Oded
A jornada da humanidade : as origens da riqueza e da desigualdade / Oded Galor ; tradução Antenor Savoldi Jr. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
336 p.

Tradução de: The journey of humanity
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-5560-382-8

1. Desenvolvimento econômico. 2. História econômica. 3. Igualdade. I. Savoldi, Antenor. II. Título.

22-81089

CDD: 338.9
CDU: 338



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Sumário

Mistérios da jornada humana	11
-----------------------------	----

I A ODISSEIA HUMANA

1 Primeiros passos	25
Gênese	26
O êxodo do berço da humanidade	31
Os primeiros assentamentos	33
O despertar da civilização	36
2 Perdidos na estagnação	41
A tese malthusiana	42
O inevitável surgimento da agricultura	45
Mudanças populacionais	49
A era do gelo da economia	55
3 A tempestade abaixo da superfície	58
Teoria unificada do crescimento econômico	59
As rodas da mudança	62
4 A todo vapor	73
A aceleração do desenvolvimento tecnológico	74
Educação na era pré-industrial	79

Industrialização e capital humano	84
O advento da educação pública universal	91
O fim do trabalho infantil	98
5 Metamorfose	105
Os gatilhos da transição demográfica	108
A redução da disparidade salarial entre os gêneros	112
Casos de família	115
Transição de fase	121
6 A terra prometida	124
O crepúsculo da indústria	131
A era do crescimento	135
Crescimento e degradação ambiental	142
Coda: resolvendo o Mistério do Crescimento	146

II AS ORIGENS DA RIQUEZA E DA DESIGUALDADE

7 Esplendor e miséria	155
Fatores contrastantes	159
Ferramentas enferrujadas	161
Comércio, colonialismo e desenvolvimento desigual	164
Fatores profundamente enraizados	170
8 As impressões digitais das instituições	173
Origens institucionais da ascensão britânica	177
Instituições e desenvolvimento a longo prazo	183
O legado do colonialismo	185
A origem das instituições	193
9 O fator cultural	196

O poder da cultura	198
Uma cultura de crescimento	203
Inércia cultural	206
Cultura e prosperidade	210
10 A sombra da geografia	214
Fragmentação geográfica e ascensão da Europa	217
As origens das instituições extrativistas	222
Raízes geográficas dos traços culturais	224
Raízes do desenvolvimento comparado	237
11 O legado da Revolução Agrícola	239
Raízes e impactos da revolução neolítica	240
Os grãos da civilização	247
Cedendo a vantagem	250
O decreto da geografia	252
12 Saindo da África	255
Origens da diversidade humana	259
Medindo a diversidade	263
Diversidade e prosperidade	266
As garras do passado	272
Coda: desvendando o Mistério da Desigualdade	275
Epílogo	282
Agradecimentos	287
Referências	290
Notas	312
Índice remissivo	319

Mistérios da jornada humana

Um esquilo corre ao longo do peitoril de uma janela gótica veneziana na Brown University. Ele faz uma pausa e, um tanto curioso, espia um ser humano esquisito que, em vez de dedicar sua energia ao estoque de comida — como deveria —, gasta o tempo escrevendo um livro. Esse esquilo é descendente daqueles que, milhares de anos atrás, correram pelas florestas ainda intocadas da América do Norte. Como seus antepassados distantes e seus contemporâneos em todo o mundo, ele passa boa parte do tempo coletando alimentos, fugindo de predadores, procurando parceiros para procriar e buscando abrigo contra condições climáticas precárias.

E, na verdade, durante a maior parte da existência humana, desde o surgimento do *Homo sapiens* como uma espécie distinta há quase trezentos mil anos, o impulso básico da vida humana era muito semelhante ao de um esquilo, definido pela sobrevivência e pela reprodução. Os padrões de vida beiravam o nível de subsistência e pouco mudaram ao longo dos milênios ou ao redor do mundo. Mas, de forma surpreendente, nos últimos séculos nosso modo de existência se transformou por completo. Do ponto de vista histórico, a humanidade experimentou uma melhoria incrível e sem precedentes na qualidade de vida quase da noite para o dia.

Imagine se na época de Jesus, dois mil anos atrás, alguns habitantes de Jerusalém entrassem em uma máquina do tempo

e viajassem para a Jerusalém governada pelos otomanos, em 1800. Sem dúvida, eles ficariam impressionados com a nova e magnífica muralha da cidade, o considerável crescimento populacional e as inovações adotadas. Porém, embora a Jerusalém do século XIX fosse bem diferente de sua predecessora romana, nossos viajantes do tempo se adaptariam com relativa facilidade ao novo ambiente. Decerto teriam que adequar seu comportamento às novas normas culturais, mas seriam capazes de manter os ofícios que praticavam no início do primeiro século e, assim, se sustentar com bastante facilidade, uma vez que os conhecimentos e habilidades adquiridos na antiga Jerusalém continuariam pertinentes na virada do século XIX. Eles também estariam vulneráveis a perigos, doenças e ameaças naturais semelhantes aos enfrentados no período romano, e sua expectativa de vida não teria uma variação muito grande.

No entanto, visualize a experiência de nossos viajantes do tempo caso fossem levados outra vez pela nossa máquina do tempo, indo apenas mais duzentos anos à frente, até a Jerusalém do início do século XXI. Eles ficariam totalmente perplexos. Suas habilidades agora estariam obsoletas, a educação formal seria um pré-requisito para a maioria dos empregos, e as tecnologias, que talvez lhes parecessem feitiçaria, seriam necessidades diárias. Além disso, como várias doenças fatais do passado teriam sido erradicadas, a expectativa de vida deles dobraria no mesmo instante, o que exigiria uma mentalidade completamente diferente e uma forma de encarar a vida pensando no longo prazo.

O abismo entre essas épocas torna difícil conceber o mundo que deixamos para trás há não muito tempo. Como disse, sem rodeios, Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVII, a vida humana era *desagradável, brutal e breve*. Na época, um quarto dos recém-nascidos morria de frio, fome e doenças diversas antes mesmo de completar seu primeiro aniversário;

mulheres morriam durante o parto e a expectativa de vida raramente ultrapassava os 40 anos. Era um mundo dominado pela escuridão depois que o sol desaparecia no horizonte, um lugar onde mulheres, homens e crianças dedicavam longas horas ao transporte de água até suas casas, lavavam-se com pouca frequência e passavam os meses de inverno em moradias cheias de fumaça. Um período em que a maioria das pessoas vivia em áreas rurais distantes, raramente se aventurando fora de seu local de nascença, e sobrevivia à base de dietas pobres e pouco variadas, sem saber ler nem escrever. Uma era sombria em que uma crise econômica não exigia apenas medidas de austeridade, mas levava à fome e morte em massa. Muitos dos obstáculos diários que preocupam as pessoas nos dias atuais são pequenos em comparação às dificuldades e tragédias enfrentadas por nossos antepassados não tão distantes.

Há muito tempo prevalece a ideia de que, ao longo de todo o curso da história humana, os padrões de vida aumentaram gradativamente. Trata-se de uma distorção. Embora a evolução da tecnologia tenha sido, de fato, um processo bastante gradual, que se acelerou no decorrer do tempo, isso não trouxe uma melhora equivalente para as condições de subsistência. A surpreendente ascensão da qualidade de vida nos últimos séculos foi, na verdade, o produto de uma transformação abrupta.

A vida da maioria das pessoas de alguns séculos atrás era comparável com a de seus ancestrais mais remotos e também com a da maior parte das outras pessoas do mundo na época, e não com a vida dos seus descendentes atuais. As condições de vida de um fazendeiro inglês na virada do século XVI eram semelhantes às de um servo chinês do século XI, de um camponês maia há 1.500 anos, de um pastor grego do século IV a.C., um fazendeiro egípcio há cinco mil anos ou um pastor em Jericó onze mil anos atrás. Mas, desde o início do século XIX,

uma fração de segundo em comparação com a duração da existência humana, a expectativa de vida mais que dobrou e a renda *per capita* disparou, multiplicando-se em vinte vezes nas regiões mais desenvolvidas do mundo e quatorze vezes no planeta Terra como um todo (Fig. 1).

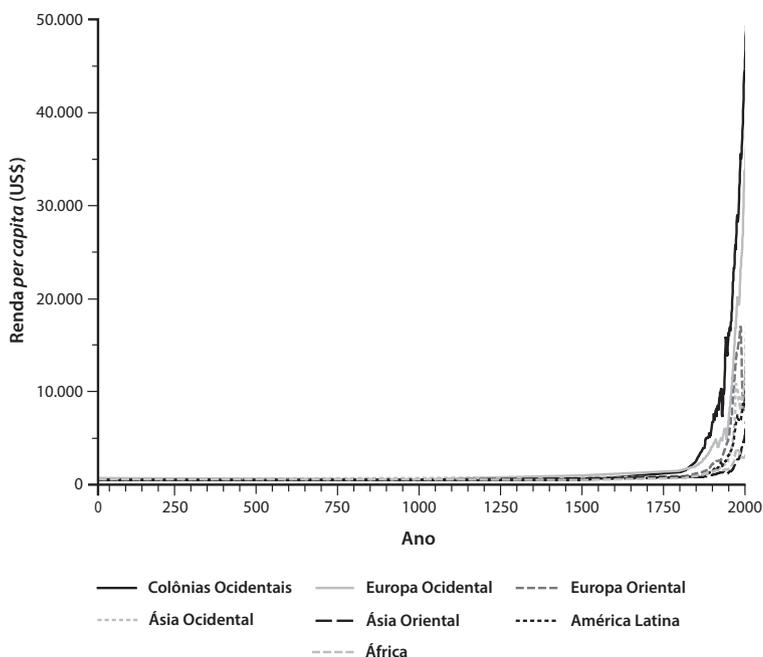


Figura 1. O Mistério do Crescimento

O aumento acentuado da renda *per capita* em todas as regiões do mundo nos últimos dois séculos veio após milhares de anos de estagnação.

Na verdade, tal progresso contínuo foi tão radical que muitas vezes perdemos de vista o quanto esse período é excepcional em relação ao resto da nossa história. O que explica esse *Mistério do Crescimento* — a transformação quase inimaginável na qualidade de vida dos últimos séculos, em termos de saúde, riqueza e educação, que ofusca quaisquer

outras mudanças nesses aspectos desde o surgimento do *Homo sapiens*?

Em 1798, o pensador inglês Thomas Malthus ofereceu uma teoria plausível para o mecanismo que fazia os padrões de vida permanecerem estagnados, prendendo as sociedades na pobreza desde tempos imemoriais. Ele argumentou que, sempre que as sociedades conseguiram gerar um excedente de alimentos por meio da inovação tecnológica, o consequente aumento nos padrões de vida só poderia ser provisório, pois inevitavelmente levaria a um aumento correspondente nas taxas de natalidade e a uma redução nas taxas de mortalidade. Portanto, era apenas uma questão de tempo até que o crescimento populacional subsequente esgotasse os excedentes de alimentos e, assim, as condições de vida voltassem aos níveis de subsistência, deixando as sociedades tão pobres quanto antes daquela inovação.

Durante o período conhecido como era malthusiana — ou seja, a totalidade da história humana até a recente e incrível melhora —, os frutos dos avanços tecnológicos foram de fato canalizados principalmente para populações maiores e mais densas, e só tiveram impacto limitado em sua prosperidade a longo prazo. As populações cresciam, e as condições de vida estagnavam e permaneciam próximas à subsistência. Em termos de sofisticação de tecnologia e produtividade de suas terras, as variações entre as regiões refletiam-se em diferentes densidades populacionais, mas os efeitos que tinham nas condições de vida eram em grande parte transitórios. Ironicamente, no entanto, assim que Malthus completou seu tratado e declarou que essa “armadilha da pobreza” ia durar para sempre, o mecanismo que ele identificou perdeu força de forma repentina, e ocorreu a metamorfose da estagnação ao crescimento.

Como a espécie humana escapou dessa armadilha da pobreza? Quais foram as causas subjacentes para a duração dessa

época de estagnação? Será que as forças que governaram a prolongada era do gelo econômica, e nossa saída dela, podem ajudar a compreender por que as atuais condições de vida são tão desiguais em todo o mundo?

Alimentado pela convicção e pela evidência de que, para entender as causas da grande desigualdade na riqueza das nações, teríamos que identificar as principais forças motrizes por trás do processo de desenvolvimento como um todo, desenvolvi uma teoria unificada que procura abranger a jornada da humanidade em sua totalidade. Ao lançar luz sobre as forças que governaram a transição de uma época de estagnação para uma era de crescimento sustentado dos padrões de vida, essa teoria revela as pegadas de um passado distante que conduziram ao destino das nações.

Na primeira parte da nossa viagem, vamos explorar o “Mistério do Crescimento”, nos concentrando no mecanismo que restringiu a espécie humana à busca pela sobrevivência durante a maior parte da história e nas forças que enfim permitiram que algumas sociedades escapassem dessa armadilha e chegassem aos níveis de prosperidade sem precedentes os quais muitos dos habitantes do mundo desfrutam hoje. Nossa viagem começa no ponto de partida da nossa própria espécie — o surgimento do *Homo sapiens* na África Oriental há quase trezentos mil anos — e traça os principais marcos da jornada da humanidade: a migração do *Homo sapiens* a partir da África há dezenas de milhares de anos, a dispersão de pessoas pelos continentes, a subsequente transição das sociedades de tribos de caçadores-coletores para comunidades agrícolas sedentárias e, mais recentemente, a Revolução Industrial e a Transição Demográfica.

A história da humanidade é riquíssima em detalhes incontáveis e fascinantes: ascensão e queda de civilizações poderosas; imperadores carismáticos que lideraram exércitos rumo

a grandes conquistas e derrotas; artistas que criaram tesouros culturais encantadores; filósofos e cientistas que desenvolveram nossa compreensão acerca do universo, bem como das inúmeras sociedades e bilhões de vidas que viveram longe dos holofotes. É fácil ficar à deriva nesse oceano de detalhes, fustigado pelas ondas, ignorando as poderosas correntes que agem sob a superfície.

Em vez disso, este livro explora e identifica essas correntes subjacentes: as forças que governaram o processo de desenvolvimento. Também demonstra como essas forças operaram de forma implacável, apesar de invisíveis, no decorrer da história humana e de sua longa era do gelo econômica, ganhando ritmo até que, finalmente, os avanços tecnológicos no decurso da Revolução Industrial aceleraram para além de um ponto de inflexão, no qual a educação rudimentar se tornou essencial para a capacidade de adaptação dos indivíduos a um ambiente tecnológico em transformação. As taxas de fecundidade começaram a diminuir e o aumento dos padrões de vida ficou livre dos efeitos compensatórios do crescimento populacional, dando início a uma prosperidade de longo prazo, que continua em crescimento nos dias atuais.

No centro dessa exploração está a questão da sustentabilidade da nossa espécie no planeta Terra. Durante a era malthusiana, condições climáticas adversas e epidemias contribuíram para a devastação de um grande contingente humano. Hoje, o efeito do processo de crescimento na degradação ambiental e nas mudanças climáticas traz preocupações relevantes sobre como nossa espécie pode evitar os resultados demográficos catastróficos do passado por meio de modelos de vida sustentáveis. A jornada da humanidade oferece uma perspectiva tranquilizadora: o ponto de inflexão que o mundo atingiu recentemente, resultando em uma redução persistente das taxas de fecundidade e na aceleração da formação

de “capital humano” e da inovação tecnológica, pode permitir à humanidade mitigar esses efeitos prejudiciais e ainda será fundamental para a sustentabilidade da nossa espécie em longo prazo.

Curiosamente, a disparada da prosperidade nos últimos séculos aconteceu apenas em algumas partes do mundo, desencadeando uma segunda grande transformação particular a nossa espécie: o surgimento de imensa desigualdade entre as sociedades. Pode-se supor que esse fenômeno ocorreu, em especial, porque a saída do período de estagnação aconteceu em diferentes momentos em todo o globo terrestre. Os países da Europa Ocidental e algumas de suas ramificações em colônias na América do Norte e Oceania experimentaram o notável salto nas condições de vida já no século XIX, enquanto essa ascensão foi atrasada, na maioria das regiões da Ásia, África e América Latina, até a segunda metade do século XX (Fig. 2). Mas o que explica que essa transformação tenha ocorrido em algumas partes do mundo antes de outras?

Decifrar o Mistério do Crescimento nos permitirá enfrentar, na segunda parte da nossa jornada, o Mistério da Desigualdade — as raízes da diferença nos caminhos do desenvolvimento entre as sociedades e o significativo aumento do desnível entre as nações no que se refere aos padrões de vida nos últimos duzentos anos. A descoberta dos elementos fundamentais dessa disparidade global nos leva a reverter o curso da jornada e a dar grandes passos rumo ao passado, chegando, por fim, ao lugar onde tudo começou — o êxodo do *Homo sapiens* a partir da África, dezenas de milhares de anos atrás.

Para isso, vamos levar em conta fatores institucionais, culturais, geográficos e sociais que surgiram na Antiguidade e impulsionaram as sociedades em suas diferentes trajetórias históricas, influenciando o momento de sua saída do período de estagnação e provocando a disparidade de riqueza entre as

nações. Em momentos históricos aleatórios, as reformas institucionais ocasionalmente colocaram os países em caminhos distintos e contribuíram para essas diferenças no decorrer do tempo. Da mesma forma, a proliferação de normas culturais diversas contribuiu para a variação no movimento das grandes engrenagens da história em todo o globo.

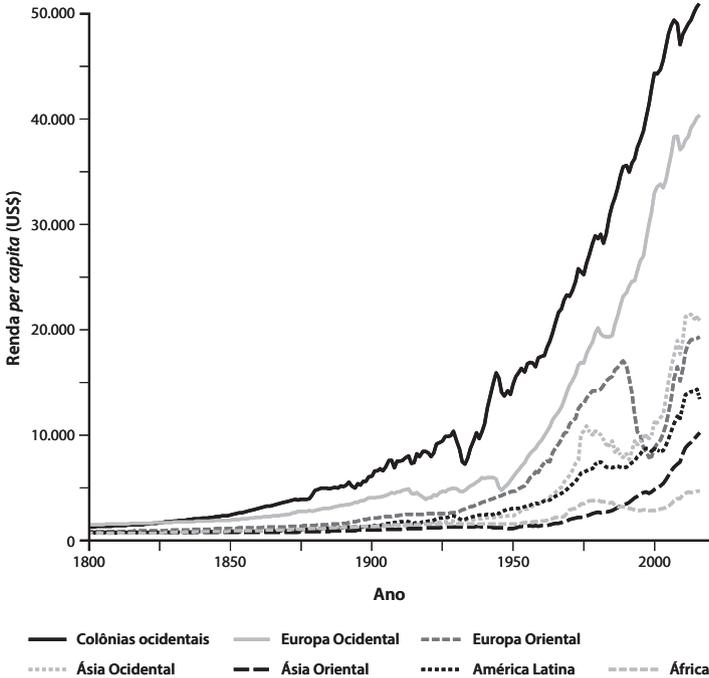


Figura 2. O Mistério da Desigualdade

A divergência na renda *per capita* entre as regiões do mundo nos últimos dois séculos.⁷

Ainda assim, fatores mais profundos, enraizados em um passado distante, muitas vezes sustentaram o surgimento de normas culturais, instituições políticas e mudanças tecnológicas, controlando, desse modo, a capacidade das sociedades de crescer e prosperar. Fatores geográficos, como solo favorável

e características climáticas, promoveram o avanço de traços culturais que fomentam o crescimento — cooperação, confiança, igualdade de gênero e uma mentalidade voltada para o futuro. A adequação da terra para grandes plantações contribuiu para a exploração e a escravidão e, ainda, para o surgimento e a continuidade de instituições políticas extrativistas. As doenças ambientais afetaram de forma adversa a produtividade agrícola e do trabalho, o investimento em educação e a prosperidade a longo prazo. E a biodiversidade que estimulou a transição para comunidades agrícolas sedentárias teve efeitos benéficos sobre o processo de desenvolvimento na era pré-industrial, embora essas forças favoráveis tenham se dissipado com a transição das sociedades para a era moderna.

Mas há outro fator escondido por trás das características institucionais e culturais modernas, que se une à geografia como motor fundamental do desenvolvimento econômico: o grau de diversidade dentro de cada sociedade, seus efeitos benéficos sobre a inovação e suas implicações adversas para a coesão social. Nossa exploração acerca do papel das características geográficas nos levará doze mil anos de volta no tempo, até o alvorecer da Revolução Agrícola. A análise das causas e consequências da diversidade nos levará para dezenas de milhares de anos antes, de volta aos primeiros passos da nossa espécie a partir da África.

Essa não é a primeira tentativa de descrever o principal motor da história humana. Grandes pensadores como Platão, Hegel e Marx argumentaram que a história se desdobra de acordo com leis universais inevitáveis, muitas vezes deixando de lado o papel das sociedades na definição de seus próprios destinos.⁸ O presente livro, por outro lado, não postula uma marcha inexorável da humanidade em direção à utopia ou à distopia, nem pretende chegar a entendimentos morais sobre a conveniência da direção dessa jornada e suas consequências.

É suficiente dizer que a era moderna de contínua melhoria nos padrões de vida não se assemelha ao Jardim do Éden, onde conflitos sociais e políticos não se fazem presentes. Ou seja, as enormes injustiças e desigualdades persistem.

Em vez disso, a fim de compreender e ajudar a mitigar as causas definitivas da imensa desigualdade de riqueza entre as nações, este livro foi projetado para apresentar, de maneira fiel, uma narrativa interdisciplinar e com embasamento científico da evolução das sociedades desde o surgimento do *Homo sapiens*. De acordo com a tradição cultural que vê o desenvolvimento tecnológico como progresso,⁹ a perspectiva fruto dessa exploração pode ser considerada fundamentalmente esperançosa no que diz respeito à abrangente trajetória das sociedades em todo o planeta.

Ao ter como foco o grande arco da jornada da humanidade, não pretendo diminuir a importância da enorme desigualdade dentro das sociedades e entre elas, mas sim fornecer a todos nós uma compreensão das ações que poderiam amenizar a pobreza e a injustiça, além de contribuir para a prosperidade da nossa espécie como um todo. Como será proposto, enquanto as grandes forças subjacentes à jornada da humanidade continuam a operar de forma implacável, a educação, a tolerância e equidade de gênero são as chaves para a prosperidade da nossa espécie nas décadas e séculos que estão por vir.

Por milhares de anos, a evolução da humanidade seguiu o mesmo padrão: a prosperidade avançou conforme ocorriam progressos tecnológicos como o domínio do fogo e invenções como a roda ou a bússola. No entanto, após pouco tempo, as condições de vida retornavam ao ponto de partida. Só durante a Revolução Industrial, com a redução da mão de obra infantil, o investimento em educação e o decréscimo na taxa de fecundidade, houve um enriquecimento geral da população – embora a distribuição dessa riqueza tenha ocorrido de maneira desigual.

Ao pesquisar esse processo, Oded Galor, um dos pensadores mais proeminentes da atualidade, criou a teoria unificada do crescimento, que explora a interação dinâmica entre a evolução humana e o desenvolvimento econômico. Hoje, a humanidade se encontra em uma nova encruzilhada: o progresso e o meio ambiente parecem ter entrado em rota de colisão. Mas Galor está otimista. Pioneiro na análise do impacto da evolução humana e sua adaptação, o autor prevê um futuro bem mais positivo do que o geralmente esperado.

A jornada da humanidade é um livro de verdades urgentes e cuja relevância perdurará no tempo. Com sua escrita ágil e concisa, Galor nos oferece lições profundas sobre os avanços da humanidade, e uma fórmula: a igualdade de gênero, o investimento em educação e o equilíbrio da diversidade com coesão social são as chaves não só para a prosperidade de nossa espécie, como também para sua sobrevivência.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1238/>